

94

Empresas apostam no crescimento do PIB, na queda da inflação e na recuperação do nível de emprego

Hippert / Editoria de Arte

No mapa das multis, Brasil terá um bom espaço em 94

O que as multinacionais esperam da economia brasileira em 1994? As respostas variam, mas a maioria das que foram ouvidas pelo GLOBO aposta no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) — que, já esse ano, deverá aumentar 5% sobre 1992 —, na queda da inflação e na recuperação do nível de emprego. O pessimismo, porém, reina entre as distribuidoras de combustível. Tanto a Atlantic como a Shell não vêem muitas perspectivas. Na melhor das hipóteses, 1994 seria igual a 1993. Na pior, haveria o caos: a hiperinflação.

A luz no fim do túnel, porém, não virá sozinha. Para que o Brasil comece a se recuperar, as empresas consideram três pontos fundamentais: ampliação da privatização, reforma fiscal e revisão constitucional, que tornariam possível o combate à inflação. Sem isso, haveria um rombo no déficit do Governo, com reflexos negativos sobre o índice inflacionário. Ai, não haveria outro jeito: a recuperação teria que ser adiada para 1995.

Na bola de cristal da White Martins, a inflação poderá cair para um dígito em 1994. Isso, segundo o presidente da empresa, Félix de Bulhões, graças ao ajuste fiscal — cujo pontapé inicial foi o acerto das dívidas dos estados — e à liberação do câmbio. Bulhões também vê boas perspectivas para os negócios da White: ela deverá vender, em 1994, 6% a mais que em 1993.

A previsão de investimentos também é positiva. Só com a construção de uma fábrica de acetato de vinila em Pernambuco em parceria com a Rhodia, a White investirá US\$ 70 milhões, US\$ 20 milhões a mais que o total de 1993. Bulhões aposta que, com a continuidade do programa de privatização, surgirão novas oportunidades. Após o leilão da Açominas, por exemplo, a White fez um acordo com os novos

acionistas para gerir as unidades de separação do ar. Valor do contrato: US\$ 25 milhões.

Um gigante do mercado de informática, a Unisys, traz bons votos para 1994. O diretor de relações externas da empresa, Georg Herz, diz que a companhia aposta em inflação decrescente e aumento dos investimentos estrangeiros e do nível de emprego. A Unisys — que deverá faturar US\$ 300 milhões este ano — crê que suas vendas em 1994 cresçam entre 10% e 15%.

Vemos 1994 com otimismo por duas razões: 1993 foi um ano de acomodação. Saímos da reserva e tivemos que nos adaptar ao mercado livre. Estamos mais enxutos e competitivos. Além disso, apostamos que, com o crescimento da economia, os clientes buscarão fazer negócios de informática com grandes empresas — diz Herz.

No entanto, as perspectivas da Unisys podem mudar por conta do que acontecer nos próximos dias, já que as previsões são atualizadas mensalmente. Para traçar o quadro acima, a empresa considera que será iniciada a revisão constitucional, permitindo que o Governo equilibre suas contas. Hoje, a Unisys aposta no aumento da arrecadação de impostos, na abertura da economia e na privatização.

Embora menos otimista, a Cisper — do qual o grupo americano Owens Illinois detém 80% — também acredita no crescimento em 1994. O PIB poderá aumentar 2% e a inflação terá uma ligeira queda. Segundo o diretor comercial da empresa, Dimas Nazari, a perspectiva é de que o nível de emprego aumente, graças a uma reação em cadeia.

— A nova lei salarial melhorará o poder de compra da população, que consumirá mais e fará aumentar a produção. Com isso, haverá mais contratações.

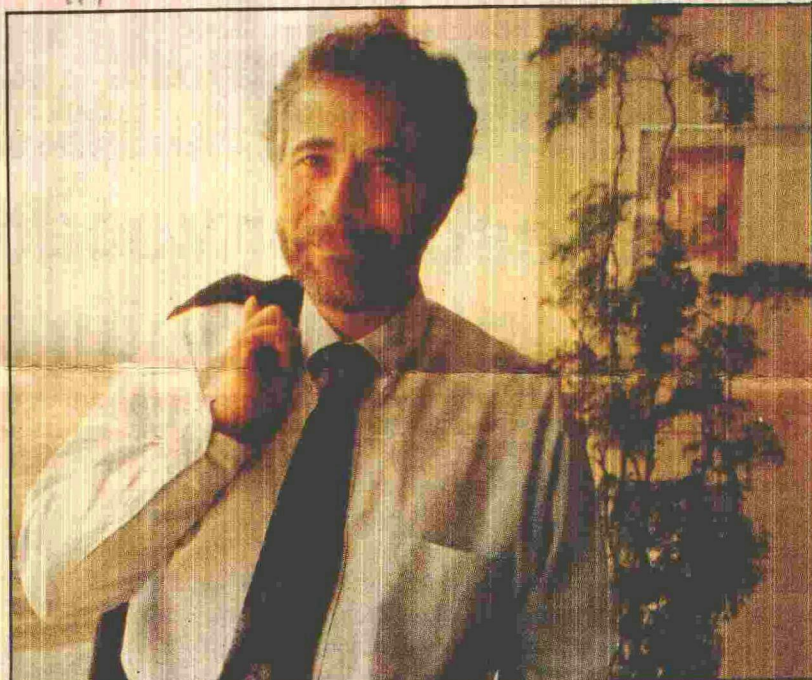
O que mostra a bola de cristal das multinacionais para 1994

EMPRESA	INFLAÇÃO	ECONOMIA	VENDAS	EMPREGO
Atlantic	Igual a 93.	Crescimento de 3% a 4%	Em alta	Estável
Shell	Lenta queda	Pequena queda	Pequena queda	Igual a 93
Xerox	30% ao mês	Sem previsão	Em alta	Depende da economia
IBM	15% a 18% ao mês	Crescimento de 4% a 5%	10% maiores	Em recuperação
American Express	30% a 35% ao mês	Estável	5% maiores	Não respondeu
Dow Química	31,5% a.m.	Crescimento de 3%	Estáveis	NR
Monsanto	25% a.m.	Crescimento de 2%	Estáveis	Estável
Unisys	Em baixa	Crescimento de 5% a 8%	Em alta	Em recuperação
White Martins	Em baixa	Crescimento de 3% a 4%	Em alta	Em recuperação
Cisper	Ligeira queda	Crescimento de 2%	Em alta	Em recuperação

FONTE: as empresas



Executivos fazem planos com a reforma constitucional



Cavalcanti, da Amex: 'estamos nos preparando para quando a inflação cair'

SÃO PAULO — E se a inflação realmente cair em 1994? Essa hipótese, mesmo que não encontre fundamentos sólidos nos círculos empresariais descrentes de choques econômicos, não deixa de intrigar alguns executivos. É o caso de Roberto Cavalcanti, vice-presidente da filial brasileira da American Express.

— Se a inflação cair de uma hora para outra, os negócios com nossos cartões podem quintuplicar de um mês para outro, como no Plano Cruzado.

Penalizadas pela inflação elevada, que reduz o poder de compra dos usuários e faz com que as lojas discriminem os cartões, as administradoras têm investido na automação para suportar a reativação dos negócios quando o sonho da estabilidade se concretizar. A Amex gastou cerca de US\$ 4 milhões na instalação de 4 mil terminais eletrônicos em lojas conveniadas.

— Estamos nos preparando para quando a inflação cair — afirma Cavalcanti.

Cavalcanti não crê que um novo choque econômico esteja a caminho, ao contrário de Alberto Dwek, vice-presidente da International Motors Company, importadora dos carros Lada e Subaru. Dwek acha que o Governo tentará em breve acabar com a memória inflacionária do cruzado, atrelando-o ao dólar.

— Acho que dolarização vem por aí, o que deve derrubar a inflação para 200% ao ano em 1994. O cenário tende a mudar radicalmente após a reforma constitucional, que deve abrir caminho para a redução efetiva do tamanho do Estado e permitir o ajuste fiscal — afirma Dwek.

A queda da inflação e das taxas de juros deve estimular as vendas de veículos em torno de 20% em 1994, prevê.

Mercosul, um grande desafio no horizonte

SÃO PAULO — As empresas brasileiras iniciarão o próximo ano com uma certeza: terão de correr contra o relógio para se preparar para o Mercosul. Prevista para 1995, a formação do bloco econômico que reunirá Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai exigirá do setor privado uma competitividade maior do que a existente hoje.

Um desafio que deve, na avaliação de Denis Ribeiro, economista da Associação Brasileira da Indústria Alimentícia (Abia), ampliar não apenas os investimentos em programas de qualidade e produtividade como também as parcerias.

Para se integrar ao Mercosul, as empresas precisarão desenvolver produtos de melhor qualidade, oferecer preços competitivos e agilizar os processos de distribuição. Em muitos casos, a saída será partir para associações — afirmou Ribeiro.

Para adotar esse figurino, o setor alimentício, que faturou US\$ 42,5 bilhões e respondeu por 10% do PIB no ano passado, deverá ampliar o volume de investimentos no próximo ano. Segundo projeção do presidente da Abia, Edmundo Klotz, as indústrias, em 1994, poderão aplicar até 20% do faturamento do setor em programas destinados a elevar a sua competitividade. A fatia prevista para o ano de 1993 é inferior a 15%.

Alguns segmentos do setor alimentício terão que desembolsar recursos mais gordos para se ajustar ao Mercosul. É o caso das empresas do ramo agropecuário. A Argentina é forte concorrente do Brasil na produção do trigo, leite e soja. Beneficiados pelo clima mais frio, por um controle de qualidade rigoroso e, até, por impostos mais baixos, esses produtos têm, na Argentina, preços mais baixos do que no Brasil.

— Se essas empresas não partirem para um processo de adaptação, acabarão morrendo — sentenciou Ribeiro.